

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 36 No. 1 Janeiro - Abril 2023

ARTIGO

## PELOS CAMINHOS DAS INFÂNCIAS PAULISTANAS ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX: A CULTURA MATERIAL ASSOCIADA ÀS CRIANÇAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PRAÇA DAS ARTES

Daniela Maria Alves\*

### RESUMO

Este texto analisou a cultura material associada às crianças identificada no sítio arqueológico Praça das Artes, localizado no atual Centro Histórico da cidade de São Paulo. Buscou-se, em fontes escritas, delinear as realidades sociais das crianças que viveram naquele espaço urbano durante o século XIX e primeiras décadas do século XX. A partir da memória literária *No Tempo de Dantes*, de Maria Paes de Barros (1998), procurou-se refletir acerca das vivências das crianças sob a perspectiva das próprias crianças.

**Palavras-chave:** crianças, cultura material, sítio arqueológico Praça das Artes.

\* Doutoranda em Arqueologia no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Bolsista Capes.  
E-mail: [danymalves@gmail.com](mailto:danymalves@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6213-7630>.

## THROUGH THE PATHS OF CHILDHOOD IN SÃO PAULO BETWEEN THE 19TH AND 20TH CENTURIES: THE MATERIAL CULTURE RELATED TO CHILDREN FROM PRAÇA DAS ARTES ARCHAEOLOGICAL SITE

---

### ABSTRACT

This paper analyzed the material culture related to children from Praça das Artes archaeological site, located in the current Historic Centre of the city of São Paulo. Written sources were used to outline the social realities of children who lived in that space during the 19th century and the first decades of the 20th century. Based on the literary memory *No Tempo de Dantes*, by Maria Paes de Barros (1998), an attempt was made to reflect on the experiences of children from the perspective of children themselves.

**Keywords:** children, material culture, Praça das Artes archaeological site.

## POR LOS CAMINOS DE LAS INFANCIAS EN SÃO PAULO ENTRE LOS SIGLOS XIX Y XX: LA CULTURA MATERIAL ASOCIADA A LOS NIÑOS DEL SITIO ARQUEOLÓGICO PRAÇA DAS ARTES

---

### RESUMEN

Este texto analizó la cultura material asociada a los niños que se identificó en el sitio arqueológico Praça das Artes, ubicado en el actual Centro Histórico de la ciudad de São Paulo. Se utilizaron fuentes escritas para esbozar las realidades sociales de los niños que vivieron en ese espacio urbano durante el siglo XIX y las primeras décadas del siglo XX. A partir de la memoria literaria *No Tempo de Dantes*, de Maria Paes de Barros (1998), se intentó reflexionar sobre las vivencias de los niños desde la perspectiva de los propios niños.

**Palabras clave:** niños, cultura material, sitio arqueológico Praça das Artes.

## INTRODUÇÃO

Crianças e infâncias têm sido temas de análise científica em diversas áreas do conhecimento. Segundo Lillehammer (2018a), as investigações sobre os tópicos na arqueologia iniciaram-se no bojo dos estudos de gênero nos idos da década de 1970. As pesquisas intensificaram ao longo dos anos 2000 e foram consolidadas como campo de pesquisa. A criação da *Society for the Study of Childhood in the Past* no ano de 2007, com a composição do periódico *Childhood in the Past. An International Journal* simbolizaram tal robustecimento. Crawford e Lewis (2008) e Coskunsu (2015) atestaram que a sociedade foi estabelecida com a finalidade de intermediar conhecimentos procedentes de diversas áreas e não somente da arqueologia.

Na arqueologia brasileira, ocorreu em 2009 o simpósio: “Onde estão as crianças? Questões de visibilidade, possibilidades e limites do registro arqueológico”, proposto por Tânia Andrade Lima durante o XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Posteriormente, as palestras proferidas foram apresentadas no livro: *A (in) visibilidade de crianças no registro arqueológico* organizado pela mesma autora (LIMA, 2019). O primeiro esforço para reunir trabalhos circunscritos aos temas foi feito ainda em 2018 pela pesquisadora Fernanda Neubauer, ao organizar o dossiê Arqueologia da Infância, na Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira.

Neste texto, é apresentado um estudo sobre a cultura material referente às crianças identificada no sítio arqueológico Praça das Artes, localizado no atual Centro Histórico de São Paulo. Os objetos abarcaram placas e lápis de ardósia, partes de bonecas, um soldadinho de chumbo e uma peça para jogo de dominó. Buscou-se, em fontes escritas, delinear as realidades sociais das crianças que viveram naquele espaço urbano durante o século XIX e primeiras décadas do século XX. A partir da memória literária “No Tempo de Dantes”, de Maria Paes de Barros (1998) procurou-se refletir acerca das vivências das crianças sob a perspectiva das próprias crianças.

## ARQUEOLOGIA DA INFÂNCIA COMO CAMPO DE PESQUISA

Um dos primeiros estudos abordando as crianças e as infâncias como temas centrais foi o artigo: “A child is born: the child’s world in an archaeological perspective”, publicado em 1989 pela pesquisadora Grete Lillehammer, na revista *Norwegian Archaeology Review* (BAXTER, 2006, 2008; CARRERAS; ROJAS-SEPÚLVEDA, 2020; CRAWFORD; LEWIS, 2008; HILDEBRAND, 2012; KAMP, 2001; MURPHY, 2017; SACCHI, 2006;). Nesse trabalho, a autora alertou sobre a falta de apreço em relação às evidências referentes às crianças, apesar destas serem encontradas no registro arqueológico (BAXTER, 2006; 2008); além de trazer os assuntos ao cenário internacional (LILLEHAMMER, 2018a).

Lillehammer (2018b), inicialmente, argumentou sobre a necessidade de evidenciar a cultura material das crianças no registro arqueológico, pontuando que o método direto para as identificar estaria no material esquelético. O método indireto, por sua vez, seria feito por analogia, relacionando as materialidades à história geral, à história médica e ao conhecimento etnocultural já produzido sobre brincadeiras e transmissão cultural, saúde e condições de vida, assim como a posição das crianças no mundo dos adultos. Explicou que a noção de mundo das crianças poderia substituir a noção de infância. O mundo da criança diferiria do tradicional conceito de infância, que seria cronológico, biológico ou socialmente definido como uma fase do desenvolvimento humano. Já o mundo da criança se caracterizaria por três fatores: a relação da criança com o ambiente, a relação com os adultos e a relação com outras crianças; e, portanto, deveria ser analisado numa perspectiva de longa duração.

Inúmeras questões que ainda permeiam os debates sobre os estudos das crianças e das infâncias no passado foram postas naquele texto. A própria natureza das fontes, tanto as arqueológicas, como as escritas ou iconográficas, não abarcam todos os aspectos das vidas das crianças, mas apenas alguns deles. Isso significa lidar o tempo todo com quebra-cabeças nos quais faltam peças, exigindo-se a busca

por diferentes fontes para interpretações possíveis. Nesse sentido, as pesquisas sobre os tópicos têm fomentado cada vez mais a interdisciplinaridade.

Para Baxter (2015), as investigações recentes podem ser sistematizadas em duas grandes vertentes: a arqueologia das infâncias e a arqueologia das crianças. A primeira abordaria questões sobre como os grupos no passado definiam a categoria criança, isto é, como as sociedades no passado identificavam categorias de identidade e etapas do ciclo de vida humano; os tipos de marcos biológicos e sociais usados para criar essas categorias, tais como regras, comportamentos e atividades consideradas apropriadas para cada idade e como essas etapas poderiam estar associadas a certos objetos, estilos de vestimentas e ornamentação pessoal. A segunda abordaria questões acerca das crianças como atores culturais no passado, visando compreender como elas vivenciaram suas vidas, o tipo de conhecimento cultural produzido exclusivamente pelas crianças, a contribuição na vida familiar e nas comunidades e como as crianças participaram ativamente nas negociações de suas identidades, papéis e valores.

Concernente ao período histórico e ao passado recente, Baxter (2018) informou que as pesquisas realizadas nos Estados Unidos podem ser classificadas em três categorias, estudos em sítios domésticos, estudos em instituições para crianças e estudos sobre os remanescentes esqueléticos e as lápides funerárias.

No caso da América Latina, os centros urbanos das grandes metrópoles atuais, vistos como locais de valor histórico, têm sido palco de trabalhos proeminentes. Nesses contextos podem incluir-se micro contextos, como domésticos, comerciais, industriais e institucionais.

A pesquisa de Munita e Mera (2016), por exemplo, incorporou duas regiões industriais situadas no centro histórico da cidade de Valdivia (Chile), na qual foram encontrados brinquedos e objetos ligados à atividades educacionais. O material seria atinente do final do século XIX ao início do século XX. No sítio *Contraloría Regional de Valdivia*, foram coletados xícaras e pires de porcelana em miniatura, bolinhas de gude de pedra e cerâmica, um pequeno cavalo de metal, um pedaço de plástico com um provérbio escrito em chinês; além de fragmentos de placas de ardósia e lápis de ardósia. No sítio *Plaza de la Republica*, foi coletada uma bolinha de gude de pedra. Os sítios foram identificados na antiga aduana fluvial e estariam vinculados a um incêndio que destruiu a cidade e marcou o final de um período de esplendor, durante a colonização alemã.

Desse modo, o contexto abordado apresentou similaridades ao contexto paulistano, pois ambos revelaram objetos referentes às crianças, como as placas e lápis de ardósia, o soldadinho de chumbo, dentre outros brinquedos. Ademais, referem-se ao mesmo espaço temporal e foram identificados em zonas de fundação das cidades.

Munita e Mera (2016) argumentaram ainda que trabalhar com um segmento da população resolve o problema metodológico a favor da interpretação arqueológica de momentos históricos, possibilitando a separação de conjuntos de materiais discretos. Nessas conjunturas, a principal forma de identificação das crianças seria por meio do registro de artefatos elaborados para elas, mais do que pela identificação de atividades e associações de objetos criados ou reciclados pelas crianças.

Essa leitura tem sido o ponto de partida adotado nos trabalhos baseados na cultura material de sítios históricos nas pesquisas brasileiras. Lima (2019), por exemplo, por meio da análise de brinquedos identificados em diferentes contextos, realizou um estudo sobre o processo de socialização das crianças na sociedade oitocentista do Rio de Janeiro. Esses brinquedos originaram-se de cinco sítios arqueológicos, entre urbanos e rurais. A autora concluiu que os brinquedos seriam representativos das mudanças que transcorriam nesse século, pois revelavam a inserção do modo de vida burguês em uma sociedade escravista. Evidenciou os brinquedos destinados às meninas, como as partes de bonecas de biscuit e de bonecas de louça, fragmentos de louças pintadas com motivos infantis e fragmentos de louças em miniatura para bonecas. Para os meninos, foram identificados soldadinhos de chumbo e castelos em miniatura, além de inúmeras bolinhas de gude em vidro. Conjugando a análise do material arqueológico com imagens coletadas em um periódico, afirmou que havia

uma estrutura dual, dividida entre masculino e feminino que regia a sociedade. Ao mesmo tempo, notava-se a adoção de práticas cotidianas e de bens materiais da vida burguesa que se entremeavam aos arcaísmos do escravismo. Assim sendo, o processo de socialização das crianças era orientado para a doutrinação e categorização dos distintos papéis que meninos e meninas deveriam exercer quando adultos.

Da mesma forma, Pereira (2018) considerou quatro objetos referentes às crianças identificados no Terreiro da Goumeia, situado no município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Quais sejam: um apontador de lápis, uma ficha de jogo de botão, um fragmento de um carrinho e um enfeite de lápis. O terreiro iniciou suas atividades no ano de 1950, estendendo-se até 1990. A partir desses objetos ligados ao jogo, ao divertimento e à educação, além da coleta de relatos de pessoas que ali passaram a infância; Pereira sugeriu que esses faziam parte dos sistemas de formação de gênero e do tornar-se candomblecista. Pontuou que as crianças brincavam e aprendiam, sem existir necessariamente uma divisão entre essas atividades e considerou que os membros do terreiro valorizavam a formação das crianças para suas futuras funções religiosas.

#### A PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO PRAÇA DAS ARTES E A CULTURA MATERIAL ASSOCIADA ÀS CRIANÇAS

O sítio arqueológico Praça das Artes foi localizado no atual Centro Histórico da cidade de São Paulo. As pesquisas foram efetuadas nos anos de 2009 e 2010 e consolidadas no Relatório Final de Monitoramento e Resgate Arqueológico da Área Destinada à Implantação da Praça das Artes – Operação Urbana Centro, Município de São Paulo – SP. A investigação concentrou-se na Quadra 27, delimitada pela rua Formosa, avenida São João, rua Conselheiro Crispiniano e praça Ramos de Azevedo. A área impactada abrangeu 5.480 m<sup>2</sup> (SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA, 2012).

Durante as investigações foram identificadas três áreas com material arqueológico. A análise em laboratório permitiu estabelecer comparações entre os artefatos e assim certificou tratar-se de um único contexto deposicional. O local poderia ter servido como área de refugio, cujo material seria proveniente de moradias, de estabelecimentos comerciais ou de instituições. Os materiais coletados abrangeram fragmentos de cerâmica tipo terracota, fragmentos de faiança, faiança fina, porcelana, grés, ironstone, vidro, metal, ossos de animais, (especialmente de boi), além de pederneiras. Esse material foi identificado na camada arqueológica, a partir dos 30 cm de profundidade. O conjunto artefactual abarcou 22.896 peças e o espaço temporal situou-se entre os séculos XIX e as primeiras décadas do século XX<sup>1</sup> (SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA, 2012).

Quanto aos artefatos associados às crianças, totalizaram 42, sendo placas de ardósia, lápis de ardósia, partes de bonecas de louça e de cerâmica terracota, um soldadinho de chumbo e uma peça de dominó.

As peças em maior quantidade compreenderam as placas de ardósia com 27 fragmentos. O maior deles apresentou 11 cm de comprimento, enquanto os menores apresentaram menos de dois centímetros. Apresentaram espessura fina: entre 0,2 a 0,5 cm e superfícies polidas. Em algumas peças foi possível observar traços horizontais e verticais, o que formou uma superfície quadriculada. Em outros fragmentos foram observadas linhas em um único sentido. Em um dos fragmentos observou-se um furo. Nas Figuras 1 e 2, a seguir observam-se alguns exemplares:

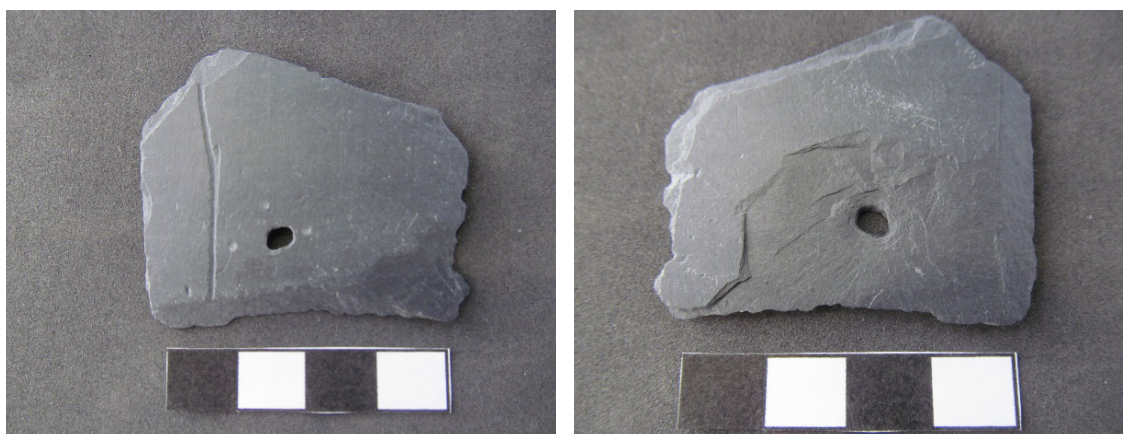
---

<sup>1</sup> A coleção proveniente do sítio Praça das Artes encontra-se salvaguardada no Centro de Arqueologia do Departamento do Patrimônio Histórico do município de São Paulo – CASP.

**Figura 1.** Superfície quadriculada em uma das faces. Traços no sentido do comprimento na outra face.  
Fonte: Fotografias da autora.



**Figura 2.** Pequeno furo com um traço no sentido da largura em uma das faces.  
Fonte: Fotografias da autora.



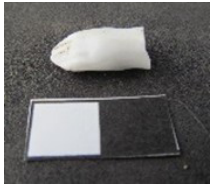


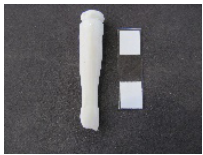
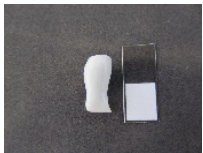
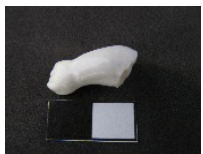

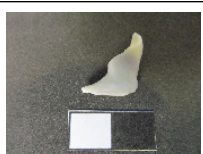

Os lápis de ardósia compreenderam três peças, que podem ser vistas na Figura 3:

**Figura 3.** Lápis de ardósia.  
Fonte: Fotografias da autora.






As partes de bonecas abarcaram 12 peças. Na Tabela 1 a seguir verificam-se algumas delas:

**Tabela 1.** Partes de bonecas do sítio Praça das Artes.

Peça	Comprimento	Descrição	Imagem
Mão	1,6 cm	Mão em louça branca vidrada.	
Mão	2,5 cm	Mão em louça branca opaca, oca.	
Braço	2,8 cm	Braço em louça branca opaca.	
Braço/mão	4 cm	Peça em louça branca vidrada. Dedos levemente fragmentados. Na porção oposta a mão há uma parte protuberante circular para encaixe e articulação do braço ao torso.	
Fragmento	1,3 cm	Fragmento em louça branca vidrada.	
Mão	2,1 cm	Peça em louça branca vidrada. Dedos das mãos levemente fragmentados.	
Perna/pé	6,1 cm	Peça em louça branca opaca. Furo na porção central do topo da perna para encaixe e articulação com o torso.	
Pé	1,5 cm	Peça em louça branca vidrada, fragmentada.	
Torso	2,3 cm	Peça em louça branca opaca, interior preenchido. <i>Frozen Charlotte.</i>	

continua...

**Tabela 1.** Continuação

Peça	Comprimento	Descrição	Imagem
Torso	3,4 cm	Peça em cerâmica terracota, corpo oco. Ombros e pequena parte dos braços preenchidos.	
Cabeça	2,8 cm	Peça em cerâmica terracota (parte do torso acima). Apresenta traços verticais representando os cabelos, porém não há nariz, boca, olhos, orelhas.	
Cabeça	2 cm	Peça em cerâmica terracota, oca. Apresenta os olhos nariz e dois pequenos furos não vazados indicando tratar-se das orelhas. Apresenta traços verticais indicando os cabelos. Há um arco decorado e um furo na porção central da cabeça. Pode se tratar de marionete.	

Fonte: Elaborado pela autora

Os outros brinquedos compreenderam um soldadinho de chumbo, apresentando a cor do casaco azul e calça vermelha; uma peça de jogo de dominó em osso, com uma pequena haste em metal no centro da peça. Esses brinquedos podem ser vistos na Figura 4:

**Figura 4.** Soldadinho de chumbo e peça de jogo de dominó.

Fonte: Fotografias da autora.



## O CONTEXTO HISTÓRICO: A REGIÃO DO SÍTIO PRAÇA DAS ARTES NO SÉCULO XIX E PRIMEIRAS DÉCADAS DO XX

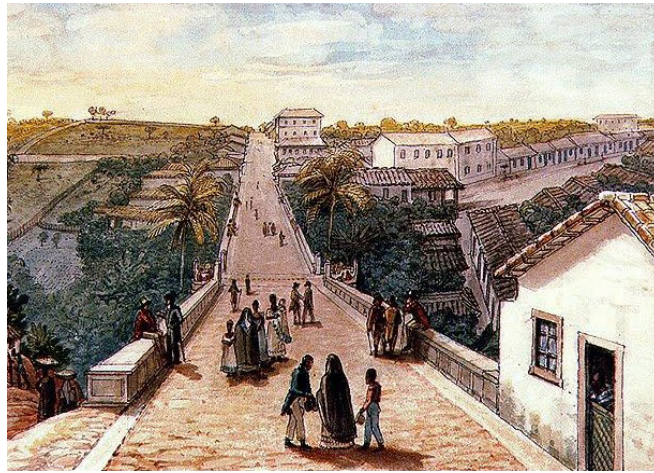
De acordo com Azevedo (1958), a sociedade paulistana vivia de modo bastante modesto no decorrer da primeira metade do século XIX. Nesse tempo, a área urbana de São Paulo expandiu-se pouco além de seu núcleo de fundação, o colégio dos Jesuítas. Ainda na década de 1870, Martins (1912)

e Freitas (1921) afirmaram que São Paulo conservava aspectos dos tempos coloniais. Como alegaram Luné e Fonseca (1873), a cidade compunha-se de quatro freguesias: Sé, Santa Iphigenia, Consolação e Senhor Bom Jesus do Braz. No entorno haviam outras freguesias: a de Conceição dos Guarulhos, distante 16,6 Km da capital; a de Nossa Senhora do Ó, distante 11,1 Km; a de Nossa Senhora da Penha, distante 9,7 Km, a de São Bernardo, distante 19,3 Km e a de Nossa Senhora do Juquery, distante 27,7 Km da capital.

Nesse momento, nas atuais avenida São João, rua Formosa, rua Conselheiro Crispiniano, área de investigação na qual foi registrado o sítio Praça das Artes, tinham ainda poucas residências. A aquarela de Debret do ano de 1822, expunha as feições contrastantes da antiga ladeira do Acú. Por outro lado, na fotografia de Marc Ferrez, do ano de 1890, verificaram-se grandes alterações no espaço urbano, nesse período já chamada de rua São João.

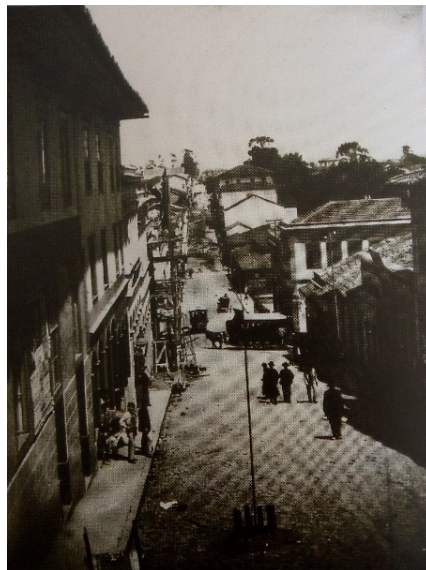
**Figura 5.** Aquarela de Jean Baptiste Debret, retratando a ladeira do Acú no ano de 1822, futura avenida São João.

Fonte: Barros, 1998 (Exposição comemorativa da cidade de São Paulo, organizada pela Secretaria do Estado da Cultura, 1984 *apud* Barros, 1998).



**Figura 6.** Rua São João, no ano de 1890.

Fonte: Barros, 1998 (Fotografia de Marc Ferrez, reprodução de A fotografia no Brasil, 1840-1900, Rio de Janeiro, Fundação Pró-Memória, 1985 *apud* Barros 1998).



Em 1854, Sant'anna (1952) afirmou que a administração municipal solicitava o alinhamento da rua que saía do Acú ao Piques. Nascia então, a rua Formosa. Martins (1911) reiterou a informação, alegando que em 1855, o então presidente da província, senhor José Antonio Saraiva ordenara a abertura da rua Formosa. O cadete Santos, o Barão de Itapetininga, cedeu parte de sua chácara para que a rua fosse construída.

Sant'anna (1944) informou sobre a existência do Beco dos Sapos, que tinha início na rua do Seminário e seguia até a São João; paralelo à São João, da ponte do Acú, até a esquina da rua Formosa. Sant'anna (1950), sugeriu que o nome se originou devido ao grande número de sapos existentes. Ali se juntavam as águas do Anhangabaú, além de águas providas de diversas pequenas torrentes que nasciam nos arredores. O acúmulo constante de água formava um enorme brejo, o que conseqüentemente atraía inúmeros sapos. No Beco dos Sapos<sup>2</sup> existiam diversos casebres baixos e frágeis, feitos de taipa e quando ocorria alguma enchente, as casinhas não resistiam. Em 1850, instalou-se ali um núcleo de alemães. Segundo Seckler (1886), havia na rua São João o Clube Germania, fundado em 1868. Para ser associado era necessário ter conhecimento da língua alemã. Martins (1911) destacou que o Germania se situava no prédio da rua São João, esquina com a rua Formosa, 75. A instituição ensinava canto e conhecimentos gerais. Porém, no ano de 1872, a mesma instituição já funcionava em outro edifício, situado na rua do Príncipe<sup>3</sup>.

Ainda conforme Sant'anna (1944), entre a rua São João e o início do Beco dos Sapos existia também uma travessa de cinquenta e poucos metros de comprimento, que nos idos de 1864 recebia o nome de rua Alegria ou rua Alegre<sup>4</sup>. O autor sugeriu que esta rua, outrora chamara-se rua do Hospital, pois ali situava-se o Hospital Militar. O Hospital Militar, por sua vez, abrigou tempos depois o Seminário das Educandas. Martins (1911) esclareceu que o seminário possuiu diversas sedes desde a sua criação no ano de 1825. No ano de 1833, mudou-se para um edifício situado na ladeira do Acú. As meninas permaneceram no prédio por pouco tempo, logo voltaram à chácara da Glória, a primeira sede da instituição. Novamente, em 1844, o Seminário voltou para a ladeira do Acú, onde permaneceu até 1861.

Por volta do ano de 1870, alguns dos casebres da São João foram derrubados, construindo-se um largo no local. Mais tarde, foi erguido no centro do largo um barracão de ferro batido para abrigar o Mercado São João (SANT'ANNA, 1944). De acordo com Luné e Fonseca (1873), pessoas que exerciam diferentes profissões, como escritvães, pedreiros, professores, procuradores e engenheiros tinham suas residências na rua São João. A professora pública Maria Gabriella Dantas do Amaral, por exemplo, habitava a rua São João, 56.

Como já citado, o Barão de Itapetininga cedeu parte de sua propriedade para a abertura da rua Formosa. Martins (1911) reportou que, após a morte do Barão, em 1876, outras ruas foram abertas, dentre elas a rua Conselheiro Crispiniano. Consoante Seckler (1886), engenheiros, juizes, cônegos e médicos tinham suas casas de morada na rua Conselheiro Crispiniano. Ademais, achavam-se estabelecimentos, como a escola S. Adalberto, localizada na rua Conselheiro Crispiniano, 11. Pinto (1900), ressaltou que na passagem do século XIX para o XX, a rua Conselheiro Crispiniano distinguia-se entre as principais ruas da cidade. Tinha seu início na rua Sete de Abril e terminava no Largo do Paissandú. Apresentava-se larga e ladeirada, com belos edifícios, cujos donos eram conhecidos na sociedade paulistana, como José Paulino Nogueira e coronel Antonio Proost Rodovalho.

Do mesmo modo, na rua Formosa encontravam-se moradores como o padre Júlio Marcondes e Silva que exercia o ofício de mestre de aritmética do ensino elementar. Na rua Barão de Itapetininga

---

<sup>2</sup> Ao longo do século XIX, a rua do Acú sofreu diversas transformações e processos de aterramento, enquanto o Beco dos Sapos sofreu grande reforma no ano de 1864. Tais reformas previam realizar o calçamento do beco (SANT'ANNA, 1944).

<sup>3</sup> Segundo Martins (1911), a rua do Príncipe trata-se da atual rua Quintino Bocaiúva.

<sup>4</sup> Para Martins (1911) a rua Alegre trata-se da atual rua Brigadeiro Tobias.

residia o professor de gramática e língua nacional, Augusto Freire da Silva. Havia ainda o Collegio Paulistano, somente para meninas, situado na rua do Barão de Itapetininga, 3 (SECKLER, 1886).

Seckler (1886) afirmou que na rua São João encontravam-se taquígrafos, médicos, escriturários, alfaiates, barbeiros, ferreiros, serralheiros, mecânicos e professores de música. Dentre os estabelecimentos, achavam-se: a Escola Americana, para ambos os sexos, localizada na rua São João, 71; e o Conservatório Dramático e Musical, localizado na rua São João, 95.

Nesse período, surgiram os espaços de entretenimento na São João, como o cinema Bijou, o teatro Polytheama e o teatro Eldorado, segundo destacaram Pinto (1900) e Sant'anna (1952). Pinto (1900) ressaltou que a rua São João converteu-se em uma das ruas mais extensas da cidade, com aproximadamente dois quilômetros de extensão. Tinha início no Largo do Rosário e terminava na Alameda Glette. Para o autor, a São João era uma das ruas de maior relevância na cidade, na passagem do século XIX para o século XX.

Conforme citado, na rua São João situava-se a Escola Americana. Pinto (1900) esclareceu que a escola pertencia aos mesmos donos do Mackenzie College, situado na rua Maria Antonia, 63, o qual era destinado ao ensino universitário. A escola oferecia um curso preparatório de sete anos. Afirmou que o mesmo grupo dirigia o internato de meninas, que estava situado na rua São João, 139 e o internato de meninos, que estava situado na rua Itambé, 1. Existia também outro edifício na rua São João 141, no qual se reuniam os estudantes dos dois internatos. Esse prédio contava com quatro dormitórios no terceiro piso, estando a biblioteca, a secretaria, o laboratório e duas salas de aula localizados no segundo piso. Nos fundos desse prédio, havia outro edifício que funcionava também como internato de meninos. Havia ainda um refeitório e uma oficina de trabalhos manuais. Por fim, o autor alegou que a organização da instituição era bastante complexa, pois os meninos do internato da rua Itambé tomavam aulas no edifício da rua São João, 141, isto é, deviam se deslocar diariamente para as diferentes atividades.

A partir das últimas décadas dos oitocentos, as mudanças intensificaram-se, ao mesmo tempo observou-se o crescimento da população, como atestaram os estudos demográficos de Sousa (1917). A população da cidade girava em torno de 155 mil habitantes em 1894, pouco mais tarde o recenseamento federal de 1900 revelaria considerável aumento, em torno de 240 mil habitantes. Em obra de 1879, os estudiosos norte-americanos Fletcher e Kidder (1879) expressaram surpresa com o crescimento urbano e desordenado de São Paulo, que mantinha calçadas e ruas estreitas. Por outro lado, menos de duas décadas depois, o pesquisador alemão Koenigswald (1895), chamaria a atenção para o caráter cosmopolita que começava a caracterizar a cidade. Durante sua estadia em São Paulo notou que nas ruas de maior circulação de pessoas, como a rua 15 de Novembro, a rua Direita, a rua São Bento, a rua do Commercio e a rua do Rosário, estavam os grandes estabelecimentos comerciais, assim como os edifícios bancários. Ressaltou a importância do Viaduto do Chá, que no período de sua visita já se encontrava em operação, oferecendo uma nova conexão entre a região do Pátio do Colégio e da Sé e o outro lado do Anhangabaú, região da República e os diversos bairros da cidade que cresciam naquela direção.

O mapa a seguir exibe reconstituição de como seria a região do sítio Praça das Artes entre as décadas de 1920 e 1930. Depois, encontram-se imagens recentes do Complexo Praça das Artes.

Maria Paes de Barros<sup>5</sup> foi uma das milhares de crianças que circulou pelo espaço urbano acima descrito na segunda metade do século XIX. A menina era uma das herdeiras de uma pessoa ilustre da sociedade paulistana à época, o comendador Luís Antônio de Souza Barros. Segundo Torres (2010),

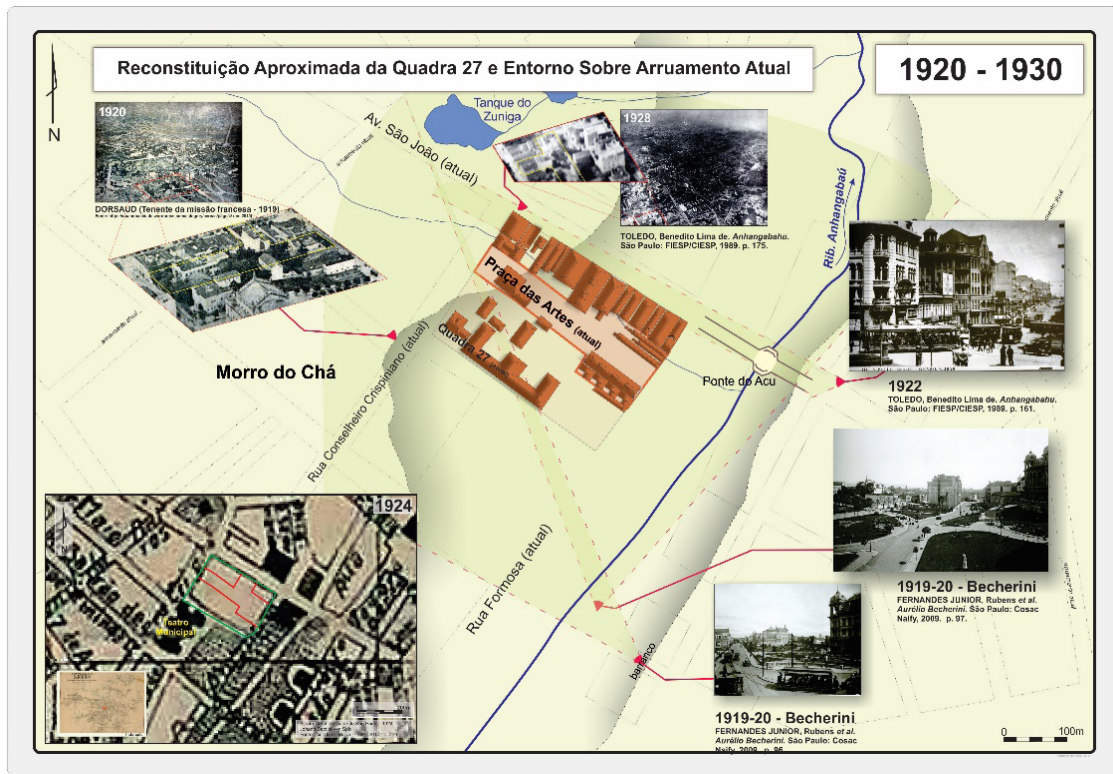
---

<sup>5</sup> Maria Paes de Barros escreveu o livro "No Tempo de Dantes" quando contava 94 anos de idade, em 1946. No livro, a autora narrou suas memórias de infância em meio à uma família numerosa, inclusive constavam recordações sobre suas vivências por diversos locais da cidade de São Paulo na segunda metade do século XIX. Nasceu no ano de 1851 e viveu até se casar no casarão da rua São João (atual avenida São João), em São Paulo. Uma nova edição do livro foi publicada em 1998.

o comendador passou a viver no casarão da rua São João após seu casamento com a senhora Ildinha de Resende Souza Barros. Desse casamento foram concebidos oito filhos. Tempos depois da morte da esposa, o comendador casou-se novamente, no ano de 1850, com Felicíssima Campos Barros. No segundo casamento foram concebidos dez filhos, dentre eles Maria Paes de Barros.

**Figura 7.** Reconstituição aproximada da Quadra 27 e entorno sobre arruamento atual.

Fonte: Scientia Consultoria Científica, 2012, p. 85.



**Figura 8.** Complexo Praça das Artes inaugurado em 2012 com o propósito de oferecer diversos tipos de atividades, como dança, música, teatro e artes plásticas.

Fonte: Nelson Kon. Disponível em: <http://www.nelsonkon.com.br/en/praca-das-artes/>.



## AS CRIANÇAS E A CULTURA MATERIAL

Cabe registrar o crescimento na oferta de instituições educacionais ao longo do século XIX nessa região. No almanaque de 1857 não houve menção a estabelecimentos de ensino nas ruas Conselheiro

Crispiniano, na rua Formosa ou na rua São João, embora o Código de Instrução Pública da Província de São Paulo (1857) estabelecesse a obrigatoriedade do ensino primário<sup>6</sup>.

Três décadas depois, o almanaque de 1886 reporta a existência da escola S. Adalberto na rua Conselheiro Crispiniano e dos internatos na rua São João, pertencentes ao grupo Mackenzie. Até mesmo, o Germania, localizado na esquina da São João com a rua Formosa devia oferecer aulas também para crianças. Embora o Germania tenha permanecido por curto período, o material arqueológico encontrado nas escavações poderia estar relacionado às atividades das crianças vivenciadas naquele espaço. Ademais, existiam o Collegio Paulistano, na Barão de Itapetininga e o Seminário das Educandas, que teve sua sede, entre idas e vindas, na rua São João. As ofertas de ensino nas instituições privadas nas últimas décadas dos oitocentos mostraram que a demanda por esse tipo de serviço se intensificou.

Dessa forma, as placas e lápis de ardósia coletados no sítio Praça das Artes poderiam relacionar-se às atividades educacionais das crianças nessas instituições<sup>7</sup>. Os almanaques também fazem referência aos professores e professoras que residiam na área e que poderiam oferecer aulas particulares de música, aritmética e língua portuguesa. As crianças poderiam se deslocar até a casa dos mestres ou os mestres iriam as suas casas, assim elas também participavam ativamente da dinâmica da vida cotidiana dessa zona da cidade.

No que concerne aos brinquedos, a maioria refere-se às partes de bonecas. Lima (2019) atestou que fragmentos de pequenas proporções de bonecas de louça tornaram-se recorrentes nos sítios históricos brasileiros a partir da segunda metade do século XIX. Essas bonecas ficaram conhecidas como *Frozen Charlottes*. Segundo Coleman *et al* (1968), as *Frozen Charlottes* eram feitas de porcelana vidrada e porcelana não vidrada. A porcelana poderia ser branca, preta ou rosa. As bonecas possuíam o cabelo moldado, poderiam usar gorros ou perucas. Foram fabricadas entre os anos de 1850 e 1914. Também ficaram conhecidas como bonecas de banho, pois as crianças poderiam brincar com elas na água. Geralmente, representavam bebês e vinham carregadas nos braços de bonecas maiores. Aquelas bem pequeninas, medindo uma polegada eram usadas como enfeites nos topos dos bolos. Consoante King (1978), as bonecas de porcelana passaram a ser fabricadas em grande escala na segunda metade do século XIX, sobretudo nas fábricas de louça da Alemanha. Talvez houvesse fabricação de bonecas de porcelana na Inglaterra e na França, no entanto em menor escala. Lima (2019) certificou que as bonecas mediam entre 2 e 15 cm e eram de preço acessível. As peças articuladas pertenciam a um tipo de boneca chamado *jointed doll*. Geralmente, essas bonecas possuíam braços, pernas e cabeças de louça, enquanto o corpo era feito de tecido ou pelica.

A partir de suas memórias, Maria Paes de Barros mencionou um momento em que uma de suas irmãs ganhou uma boneca com uma caminha no dia do aniversário:

Abriu-se a porta. Nesse quarto via-se outra mesa, coberta de lindos presentes. Que deslumbramento! Contemplaram, extasiadas, o bolo com as velinhas acesas e, ao lado, uma caminha de madeira, em que repousava linda boneca. Podia ser vestida e despida a gosto, pois suas roupas não eram pregadas com tachas, como as que comumente se viam. Havia também um ninho cheio de ovinhos diferentes

---

<sup>6</sup> De acordo com o documento, o ensino primário era obrigatório para crianças entre 7 e 15 anos de idade que residissem dentro do raio de um quarto de légua da povoação, onde houvesse escola pública ou escola privada subsidiada. O ensino particular oferecido por diferentes instituições, assim como o ensino doméstico também era legalizado. Os escravizados e qualquer pessoa que possuísse moléstia contagiosa estavam proibidos de frequentar a escola.

<sup>7</sup> No livro *Pedagogia Paulista – A Eschola Publica, Ensaio de Pedagogia Practica* (1895), um manual prático para professores do ensino elementar, verifica-se que o uso do quadro negro de pedra pelo professor, do giz, bem como das placas pequenas de pedra pelas crianças e cartilhas para leitura eram parte do cotidiano escolar paulistano.

(até os do pequeno colibri!), pois as meninas faziam coleção de ovos de passarinhos. A um lado havia uma latinha com suspiros e outras guloseimas. Mas a Dindinha continuou, em voz séria: – Tudo isso fizemos para você, mas só receberá os presentes se for pedir perdão a papai, pela sua má conduta. (BARROS, 1998 p. 97)

Não se pode afirmar que qualquer das partes das bonecas identificadas no sítio Praça das Artes tenha pertencido a irmã de Maria, a partir da citação acima. A conjuntura envolvida na relação da qual resultou o presente ganho, todavia, demonstrou-se interessante. Segundo a narrativa, a mana mais velha sabia que no momento dos estudos com a Dindinha (tutora das meninas), brincadeiras não eram permitidas, entretanto, mesmo assim o fez por várias vezes, não sendo suficientes as repreensões. A punição seria não ter os presentes, a menos que ela se desculpasse com o patriarca e zelador da educação das crianças naquele lar. Assim procedeu a menina, as desculpas foram aceitas e ela recebeu em troca o que lhe fora prometido. A mana ficou contente e em seguida chamou uma das escravas para ninar a boneca com ela: “Depois, na sala de jantar, deitando-se na rede com a linda boneca nos braços e a latinha de suspiros ao lado, mandou que uma pretinha a balançasse e sentiu-se a menina mais feliz do mundo!” (BARROS, 1998, p. 98).

Nessa intrincada cadeia de relações de poder envolvendo o pai (patriarca e zelador da educação das meninas), a tutora (responsável direta pela educação formal das meninas), duas meninas (Maria e a irmã mais velha), e a escravizada, esteve o brinquedo como o mediador das relações sociais. A narrativa ilustrou a importância das interações com as outras pessoas, assim como os rituais ocorridos em família. O objeto em si (a boneca com a caminha) não foi o impulsionador nem o centro do relato, mas foi marcante como conciliador na relação entre pai e filha ou como recompensador pelo comportamento adequado.

O universo relatado por Maria apresentou uma conjuntura com aspectos específicos: a ambiência representada pela família Souza Barros, uma família de classe alta na segunda metade do século XIX, na zona urbana da cidade de São Paulo. Nessa ambiência, a interação de Maria, assim como o acesso ao brinquedo, quase sempre dado às meninas, propiciou a criação de uma experiência singular, cuja irmã mais velha e o pai desempenharam os papéis principais. Certamente, a boneca e a caminha estiveram em várias brincadeiras das meninas, contudo, o relato pode ter sido o mais memorável, exatamente pelo contexto no qual se desenrolou.

Cabe destacar o fato de que essa foi a única referência a um brinquedo sinalizada no livro. Isso pode indicar que entre as décadas de 1850 a 1870, os brinquedos industrializados constituíssem presença rara para as crianças paulistanas, mesmo para aquelas da classe abastada. Em consequência, esse tipo de brinquedo deveria ser dado em ocasiões especiais. Assim, por ter sido ganho na ocasião do aniversário da mana mais velha e por ter sido uma situação conflituosa, a experiência converteu-se em uma memória marcante para Maria.

Aqui se compartilha do pensamento de Wood (2009), os objetos fazem parte da conjuntura das experiências vividas nas quais as pessoas constituem inúmeros significados para elas próprias. Os objetos mediam uma experiência, porém, ao final, a experiência transcende o significado do objeto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como outras pesquisas mencionadas, a leitura utilizada para o contexto arqueológico do sítio Praça das Artes fundamentou-se nos objetos referentes às crianças. Esses objetos foram produzidos para elas e usados por elas, de maneira individual ou compartilhados com outras crianças e com adultos. Refletiu atividades de lazer e atividades de aprendizagem.

As meninas no Seminário das Educandas, provenientes das camadas mais pobres, e as meninas no Colégio Paulistano, possivelmente das camadas médias da população, escreveram ou desenharam nas placas de ardósia, utilizando-as em diferentes tarefas para aprendizagem. As meninas e os meninos que estudavam na Escola Americana, as crianças alemãs ou filhas de alemães que frequentavam o

Germania, ou as crianças que estudavam nas casas dos mestres, também poderiam representar camadas médias da população. Poderia se tratar de crianças cujos pais exerciam ofícios importantes na região ou daqueles que admitiam que meninos e meninas frequentassem a mesma instituição.

E quanto as partes de bonecas, soldadinho de chumbo e dominó? O jogo do dominó devia ser uma atividade de entretenimento tanto para crianças, como para adultos e talvez um momento de interação entre as gerações, entre pais e filhos, entre avós e netos. Os soldadinhos de chumbo, associados aos meninos, possivelmente tornaram-se acessíveis às famílias e certamente foram bastante apreciados. Conforme lembrou Raffaini (2018), os soldadinhos de chumbo tornaram-se tão queridos, que o brinquedo foi protagonista de uma das histórias mais conhecidas de Hans Christian Andersen: *O Inabalável Soldadinho de Chumbo*, publicado em 1838.

Por certo, as memórias descritas pela menina Maria não refletem as vivências de todas as crianças, ao contrário, expressam uma conjuntura específica. As bonecas, provavelmente fizeram a diversão das meninas não somente da família Souza Barros, mas daquelas que passaram pelo Seminário das Educandas ou das filhas de outros residentes da região.

As materialidades do sítio Praça das Artes evidenciaram aspectos das vidas de crianças de distintas classes sociais, que brincaram e aprenderam conteúdos formais em um centro urbano em transformação.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a equipe do Centro de Arqueologia do município de São Paulo, em especial, Paula Nishida Barbosa e Camila Gregório.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Aroldo de. São Paulo, cidade trimilionária. In: AZEVEDO, Aroldo de. *A cidade de São Paulo*. Estudos de geografia urbana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958, p. 5-40. v. 1.
- BARROS, Maria Paes de. *No tempo de dantes*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- BAXTER, Jane Eva. The Archaeology of Childhood in Context. *American Anthropological Association*, Arlington, v. 15, p. 1-9, 2006.
- BAXTER, Jane Eva. The archaeology of childhood. *Annual Review of Anthropology*, San Mateo, v. 37, p. 159-175, 2008.
- BAXTER, Jane Eva. Archaeology of Childhood. In: WHELEHAN Patricia; BOLIN Ana (ed.). *The International Encyclopedia of Human Sexuality*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2015.
- BAXTER, Jane Eva. The Historical Archaeology of American Childhood. *Revista de Arqueologia*, Pelotas, v. 31, n. 2, p. 86-102, 2018.
- CARRERAS, Laura Coy; ROJAS-SEPÚLVEDA, Claudia. Un, dos, tres por los niños escondidos en el pasado! Hacia una bioarqueología de la infancia en Colombia. *Revista Colombiana de Antropología*, Bogotá, v. 56, n. 1, 215-243, 2020.
- COLEMAN, Dorothy; COLEMAN, Elizabeth; COLEMAN, Evelyn. *The Collector's Encyclopedia of Dolls*. New York: General Publishing, 1968.
- COSKUNSU, Güner. Children as Archaeological Enigma. In: COSKUNSU, Güner. (ed.). *The Archaeology of Childhood: Interdisciplinary Perspectives on an Archaeological Enigma*. New York: State University of New York Press, 2015, p. 1-16.
- CRAWFORD, Sally; LEWIS, Carenza. Childhood Studies and the Society for the Study of Childhood in the Past. *Childhood in the Past. An International Journal*, London, n. 1, p. 5-16, 2008.
- FLETCHER, James; KIDDER, Daniel. *Brazil and the Brazilians*. Boston: Little, Brown, 1879.

- FREITAS, Affonso Antonio de. *Tradições e reminiscências paulistanas*. São Paulo: Edição da Revista do Brasil. Monteiro Lobato & Cia, 1921.
- HILDEBRAND, Jennifer. Children in Archaeological Lithics Analysis. *Nebrask Anthropologist*, Nebraska, v. 27, p. 25-42, 2012.
- KAMP, Kathryn. Where have all the children gone? The archaeology of childhood. *Journal of Archaeological Method and Theory*, Springer, v. 8, n. 1, p. 1-34, 2001.
- KING, Constance Eileen. *The Collector's History of Dolls*. London: Robert Hale, 1978.
- KOENIGSWALD, Gustav. *São Paulo*. São Paulo: Als Manuscript Gedruckt, 1895.
- KON, Nelson. Praça das Artes, Brasil Arquitetura – São Paulo/SP. *Nelson Kon*, 2012. Disponível em: <http://www.nelsonkon.com.br/en/praca-das-artes/>. Acesso em: 10 maio. 2020.
- LILLEHAMMER, Grete. The Archaeology of Childhood: Short Version of a Factual Story with a Personal Touch. *Revista de Arqueologia*, Pelotas, v. 31, n. 2, p. 75-85, 2018a.
- LILLEHAMMER, Grete. Uma criança nasce. O mundo da criança em uma perspectiva arqueológica. Tradução Fernanda Neubauer. *Revista de Arqueologia*, Pelotas, v. 31, n. 2, p. 14-34, 2018b.
- LIMA, Tânia Andrade. Brinquedos subliminares: doutrinação de crianças e introjeção de papéis sociais no Rio de Janeiro oitocentista. In: LIMA, Tânia Andrade (org.). *A (in) visibilidade de crianças no registro arqueológico*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2019.
- LUNÉ, Antonio José Baptista de; FONSECA, Paulo Delfino da. *Almanak da província de São Paulo para 1873*. Primeiro Anno. São Paulo: Typographia Americana, 1873.
- MARTINS, Antonio Egydio. *São Paulo antigo (1554-1910)*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1911. v. 1.
- MARTINS, Antonio Egydio. *São Paulo antigo (1554-1910)*. São Paulo: Typographia do Diario Official, 1912. v. 2.
- MUNITA, Doina; MERA, Rodrigo. Por aquellos olvidados... Niños y niñas en la arqueología histórica industrial de Valdivia. *Revista Austral de Ciencias Sociales*, Valdivia, n. 31, p. 131-144, 2016.
- MURPHY, Eileen. Ten years of childhood in the past. Childhood in the Past. *An International Journal*, London, v. 10, n. 1, p. 1-9, 2017.
- PEREIRA, Rodrigo. Fazer-se criança no candomblé: infância, educação formal e gênero: visibilidades no registro arqueológico. *Revista de Arqueologia*, Pelotas, v. 31, n. 2, p. 158-175, 2018.
- PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de São Paulo em 1900*. Impressões de viagem. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.
- RAFFAINI, Patricia Tavares. As meninas são de pano e os meninos são de chumbo? Cultura material e literatura. *Secuencia*. Ciudad de México, edición especial, p. 177-187, 2018.
- SACCHI, Mariana. Algunos apuntes sobre la arqueología de la infancia: Exploración de vías metodológicas para su definición. *Revista de Antropología Experimental*, Jaén, n. 10, p. 281-292, 2010.
- SANT'ANNA, Nuno. *São Paulo histórico*. Aspectos, lendas e costumes, volume V. São Paulo: Departamento de Cultura de São Paulo, 1944.
- SANT'ANNA, Nuno. *Metrópole*. Histórias da cidade de São Paulo também chamada São Paulo de Piratininga e São Paulo do Campo em tempos de El-Rei, o cardeal Dom Henrique, da dinastia de Aves. São Paulo: Departamento de Cultura de São Paulo, 1950. v. 1.

- SANT'ANNA, Nuno. *Metrópole*. Histórias da cidade de São Paulo também chamada São Paulo de Piratininga e São Paulo do Campo em tempos de El-Rei, o cardeal Dom Henrique, da dinastia de Aves. São Paulo: Departamento de Cultura de São Paulo, 1952. v. 2.
- SÃO PAULO. Código De Instrução Pública Da Província De São Paulo. São Paulo: Typographia Dous de Dezembro, 1857.
- SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA. *Monitoramento e resgate arqueológico da área destinada à implantação da Praça das Artes*. Operação Urbana Centro, município de São Paulo – SP. São Paulo: Relatório Técnico, 2012.
- SECKLER, Jorge. *Almanach administrativo, commercial e industrial da Província de São Paulo para o anno de 1886*. São Paulo: Jorge Seckler, 1886.
- SOUSA, Alberto. *Estudos demográficos: a população de São Paulo no último decênio, 1907-1916*. São Paulo: Typographia Piratininga, 1917.
- THOMPSON, Oscar; PEREIRA, A. R. Alves; SANT'ANNA, Joaquim de; TOLOSA, Benedicto Maria. *Pedagogia Paulista*. A Eschola Publica: Ensaio de pedagogia pratica. São Paulo: Typographia Paulista, 1895.
- TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. *Um lavrador paulista do tempo do Império*. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 2010.
- WOOD, Elizabeth. Saving childhood in everyday objects. *Childhood in the Past. An International Journal*, London, n. 2, p. 151-162, 2009.